

Em nome da ANER cumprimento o presidente da International Federation of Periodical Press (Fipp), aqui presente, Chris Llewellyn.

Apresento também minha mais calorosa saudação a todos os palestrantes, debatedores, revisteiras e revisteiros aqui reunidos, do Brasil e do exterior, vocês que nos honram com sua presença, e que estarão dividindo experiências valiosas no dia de hoje.

Neste III Forum ANER nos propomos a falar de revistas, é claro, aliás, uma das coisas que os editores presentes mais gostam de fazer: discutir o nosso negócio, compartilhar as nossas dúvidas, e os nossos sucessos.

Curioso é que esse interesse em falar do próprio negócio não é tão comum em outras especialidades produtivas. A explicação é que o nosso trabalho é mais divertido.

Querem um exemplo? Uma historinha que aconteceu comigo mesmo, num pequeno avião que ia para uma cidade do litoral, na companhia de amigos, todos da área financeira.

Na viagem puxei conversa com esses especialistas sobre perspectivas de evolução do dólar e da bolsa. Eles me responderam, quase indignados, que não conversavam sobre trabalho nos fins de semana.

Ao que respondi de imediato: “mas se vocês quiserem falar de revistas, eu topo. E tenho assunto para o fim de semana todo, do avião até a praia”.

Nessa viagem, que já tem alguns anos, o assunto era menos complexo do que o de hoje: só mídia impressa, e todas as nossas atenções estavam voltadas para a qualidade dos textos, fotos, fotolitos, impressão, gramatura do papel, etc. Não existia internet.

Passado todo esse tempo, é bom constatar que estamos recebendo muito bem a ampliação dos meios de comunicação, sem resistir a eles, ao contrário, procurando somar a eles.

Assim, vamos dando nossas braçadas em meio à avalanche de novidades que não param de surgir, como exige o meio digital, mas sem perder as qualidades editoriais, vigas mestras do nosso pensamento.

Está cada vez mais claro que informação não é conhecimento. E que o editor é ser insubstituível, na pauta, texto e arte, conduzindo profissionais que sabem produzir revistas. O resultado do trabalho de toda essa gente são informações hierarquizadas, escolha dos conteúdos, formas de reportagem, matérias investigativas. Um conjunto de conhecimentos que leva anos para adquirir, e que jamais será substituído pelo blog de alguém.

O curioso é que a comunicação via internet, com todo o sucesso de seus visitantes únicos, blogs, páginas de relacionamentos, acabam se valendo de informações que nós editores levantamos. Os meios digitais são os nossos maiores admiradores, quando se apropriam do material que elaboramos, utilizando sem pagar, e sem cerimônia.

Em entrevista reproduzida pelo Estadão, Rupert Murdoch, dono de um império midiático que inclui o Sun, o Times de Londres, o Wall Street Journal e o site My Space, declarou que quer bloquear seus jornais no Google, acusando o gigante das buscas, de cleptomania e parasitismo, por incluir conteúdo do seu grupo News Corporation nas páginas do Google News.

Esse é um dos assuntos que também a ANER está procurando contornar, em nome de seus associados, junto ao Google Brasil, cujo sistema de clicagem remunerada, quando determinado site é muito acessado, pode criar fontes de receita para esses blogueiros, cuja matéria prima de valor é fruto do nosso trabalho. E só nós sabemos quanto custa um bom conteúdo editorial.

Para exemplificar melhor, um site que exiba material de todas as nossas revistas e se apresente como uma espécie de “revista das revistas” acabará sendo acessado por um número enorme de pessoas, com remuneração da publicidade para o site, e os custos, por nossa conta.

E por falar em conteúdo, um pequeno parágrafo sobre o diploma de jornalista tornado não obrigatório pelo Supremo Tribunal Federal: a posição da ANER, para ânimo de estudantes, e jornalistas já formados, é a de que não se preocupem com a não-obrigatoriedade do diploma.

Nós, editores, vamos continuar a escolher e contratar gente formada nessas escolas, baseado no preparo e no desempenho dos alunos em sua passagem para a vida profissional, como acontece em qualquer profissão.

E uma notícia em off fala de um grupo importante que vai criar uma escola de jornalismo baseada na excelência do ensino, mas apenas agora, que o diploma não é mais obrigatório.

Outro assunto ligado ao nosso trabalho diz respeito à censura que alguns juízes e órgãos reguladores do governo insistem em impingir a órgãos de comunicação, contrariando o dispositivo de liberdade de imprensa e de expressão comercial, garantido por nossa Constituição Federal.

Nesse assunto estamos bem defendidos pelo vice-presidente da ANER, Sidnei Basile, desdobrando-se entre São Paulo e Brasília, atento aos excessos que possam ser cometidos contra o preceito constitucional, por diversos projetos de Lei, e portarias, que vão surgindo.

Desejo agradecer à nossa diretora executiva Maria Célia Furtado, e à sua equipe formada por Raquel, Cristina, Isabela e Maria, pelos eventos e workshops que a ANER organizou neste ano, na base de um por mês.

Destaco, em especial, a IV Conferência Legislativa sobre Liberdade de Imprensa, que organizamos em junho, em Brasília, com presença maciça de autoridades dos três poderes, e direito a jantar na casa do presidente da Câmara Federal, Michel Temer, com a presença de Lula.

Num intervalo de uma conversa informal com o presidente da República, a pedido de um jornalista amigo que está organizando um livro de frases sobre o Corinthians, pedi que ele dissesse uma frase sobre o seu time. Depois de pensar por alguns minutos Lula se concentrou, e disse, com exclusividade: “O Corinthians não tem torcida, tem militância...”.